

**MEMÓRIAS DA EMÍLIA: UMA LEITURA DO TRAÇO MEMORIALÍSTICO ÀS
AVESSAS****EMILIA'S MEMORIES: READING TRACE MEMORIALISTIC BACKWARDS****EMILIA MEMORIAS: LECTURA MEMORIALÍSTICA TRACE REVÉS**Danielle Cristine Santim de Oliveira Mantovani¹

Resumo: Este trabalho pretende elaborar algumas considerações sobre o traço memorialístico em um livro da literatura infantil – *Memórias da Emília*, de Monteiro Lobato, publicado em 1936. Além da abordagem metalinguística de teóricos da literatura confessional e da narrativa analisada, procuramos destacar e exemplificar o confronto existente entre o caráter tradicional e o ficcional das memórias.

Descritores: Memórias. Literatura Confessional. Literatura Infantil.

Abstract: *This work intend to develop some considerations on the memorialistic aspect in a book of children's literature - Memories of Emilia, Monteiro Lobato, published in 1936. In addition to the metalinguistic approach theorists confessional literature and analyzed narrative, we search to detail and exemplify the existing confrontation between the traditional character and fictional memories*

Descriptors: *Memoirs. Confessional literature. Children's literature.*

Resumen: *Este trabajo tiene como objetivo desarrollar algunas consideraciones sobre el rasgo memorialístico en un libro de literatura infantil y juvenil - Memorias de Emilia, de Monteiro Lobato, publicado en 1936. Además de los teóricos de aproximación metalingüísticas, literatura confesional y narrativas analizadas, buscamos resaltar y ejemplificar la confrontación existente entre el carácter tradicional y memorias de ficción.*

Descriptores: *Recuerdos. Literatura confesional. Literatura infantil.*

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo elencar algumas questões referentes ao traço memorialístico presente na obra de Monteiro Lobato, as Memórias da Emília (1936). Com este propósito, faz-se necessário, inicialmente, apontar alguns teóricos da literatura confessional, tais como Lejeune (1996), Remédios (1997), Gondar (2000),

¹Docente na Faculdades de Dracena. Mestrado em Letras. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: daniellesantim@bol.com.br.

entre outros, para, após esta abordagem metalinguística, relacionar com a obra citada.

Pode-se dizer que Monteiro Lobato, mesmo pela voz de D. Benta, Emília e Visconde, também não poderia deixar de escrever memórias. Como em tudo que faz mescla a inovação, já em 1936, pretende definir memórias e polemizar a discussão, apontando o caráter dual destas quando se trata de realidade versus imaginação.

Aspecto ambíguo que, a partir deste momento, será destacado e exemplificado pelo confronto existente entre o caráter tradicional e o ficcional das memórias configurado pelo jogo de narradores lobatiano, o que caracteriza o livro analisado como uma memória às avessas.

Construindo memórias...

Considerando relevantes, para nosso estudo, apenas os capítulos e fragmentos que dissertem aspectos relacionados às memórias, faremos algumas observações: inicialmente, abordaremos o conceito de memória dado por teóricos literários e pela narrativa analisada; e, posteriormente, refletiremos sobre o discurso ficcional das memórias representado pelo viés inventivo e pela questão da autoria e da identidade inscrita no “eu” de Memórias da Emília.

Sendo a memória uma das modalidades da literatura confessional, Remédios (1997, p.9) afirma que esta literatura “é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um eu, de uma pessoa viva que ali se encontra e que adiante do leitor desnuda sua vida, estabelecendo-se, então, uma perfeita união entre autor e leitor”. Mais adiante, Remédios (1997, p.14) expõe que “na narrativa memorialística destaca-se o fundo histórico-cultural filtrado pela memória e pela subjetividade de um eu social”.

Fischer (2003, p.37), num estudo sobre a sucessão de narrativas ficcionais de feição memorialística da literatura brasileira, aponta-nos um “traço da narrativa de memórias, o relato do transcurso de uma história a partir da experiência vivida”. Contudo, contrapondo, tal definição e a de Remédios, Fischer (2003, p.39) afirma que as memórias sugerem um “momento de suposta verdade, de suposto

desvelamento, de revelação do sentido da vida [...] Inventamos as memórias [...] Precisamos fingir para ser verdadeiros.”

Escrita em primeira pessoa, numa concepção tradicional, caracterizada pelo modelo endogâmico, a memória pressupõe, como observado por Remédios (1997), um grau de sinceridade (em relação ao autor) e cumplicidade (por parte do leitor) de que tudo aquilo revelado é algo real e verdadeiro. Modelo este que será questionado por Fischer (2003) ao propor o caráter ficcional das memórias. Estas, assim como toda a escrita, segundo Pena (2004), são tecidas pelo viés ficcional, pois nenhum texto escrito, construído a partir do tempo linear, consegue relatar fielmente a realidade marcada pelo tempo simultâneo.

Não muito distante, Memórias da Emília obtêm o mesmo resultado de Fischer (2003), ao retratar a ficcionalidade das memórias. Composto quinze capítulos, em um exercício memorialístico, este livro como registrado pelo título elabora uma tentativa de Emília em escrever “suas” memórias, que mais parecem as de Visconde, por ser ele quem relata a maior parte delas.

Para Emília, as “Memórias são a história da vida da gente, com tudo o que acontece desde o dia do nascimento até o dia da morte” (LOBATO, 1994, p.7). Assim descritas sob a perspectiva da morte, Emília brinca com a questão da veracidade presente nas memórias, quando afirma:

[...] Finjo que morro, só. As últimas palavras têm de ser estas: ‘E então morri...’ com reticências. Mas é peta. Escrevo isso, pisco o olho e sumo atrás do armário para que Narizinho fique mesmo pensando que morri. Será a única mentira das minhas Memórias. Tudo mais verdade pura, da dura. (LOBATO, 1994, p.7)

Reconhecendo Emília, mais adiante, já faltar com a verdade ao propor que a única mentira estaria no final de suas memórias, uma vez que estes escritos são vistos como um mecanismo de autopromoção, glorificando fatos positivos e omitindo outros que não lhes convêm. Podemos dizer que “[...] Esquecemos por narcisismo, por amor a essa ficção que se chama ‘eu’” (GONDAR, 2000, p.40), a fim de formar uma imagem positiva sobre o “escrevedor” de memórias no leitor, conforme observamos no fragmento a seguir.

[...] Bem sei que tudo na vida não passa de mentiras, e sei também que é nas memórias que os homens mentem mais. Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta idéia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar idéia de que está falando a verdade pura (LOBATO, 1994, p.7)

Diferentes de outros livros de cunho memorialista, as memórias de Emília, intituladas de Memórias da Marquesa de Rabicó, começariam com seis pontos de interrogação e, no parágrafo seguinte, continuariam “Nasci no ano de... (três estrelinhas), na cidade de... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada...” (LOBATO, 1994, p.10), memórias incertas sem compromisso com a verdade, que alterariam ou não o percurso do passado.

As memórias da Emília contradizem o modelo tradicional de memória, marcado por datas, lugares e nomes definidos, o que conferem, mesmo sendo ficção, certa veracidade aos fatos. Como um traço memorialístico às avessas, estas memórias se inscrevem sem tais preocupações históricas, rompendo com o modelo proposto pelos manuais universitários e guias de autobiografia Lejeune (1996), no intuito de “atrapalhar os futuros historiadores, gente muito mexeriqueira” (LOBATO, 1994, p.10).

Como observamos, tais reflexões apontam a diferença entre história e memória, uma vez que a memória

Não é porém apenas catar sinais – trabalho que também é o do historiador – é criá-los: aí se confirma a distinção com a história, cujo compromisso com a verossimilhança enuncia a presença de alterações no percurso do passado. [...] O discurso constrói o fato, pela lapidação do evento (PINTO, 1998. p.293)

Desse modo, sendo a memória uma lapidação de fatos, construída a partir de dois mecanismos: seleção e combinação, Pena (2004), argumenta que há um suposto esquecimento, pois, quando selecionamos, lembramos de um episódio e, ao mesmo tempo, esquecemos/ excluímos outros, deixando a memória de ter um caráter não ficcional por um ficcional, representado pela versão de fatos na tentativa de uma ilusão de realidade.

Começando de fato apenas no segundo capítulo, a história selecionada é o episódio da vinda das crianças inglesas para conhecer o Anjinho da Asa Quebrada que Emília trouxera do céu. Neste ponto, devemos fazer duas ressalvas: a primeira que, desconstruindo o aspecto tradicional das memórias, o qual pressupõe um “eu” que desnuda “sua” vida Remédios, (1997), as Memórias da Emília não são escritas inteiramente por ela, mas também por Visconde que é praticamente obrigado a desempenhar esta função, destacando o jogo lobatiano de narradores (ora memórias da Emília, ora de Visconde).

A outra ressalva a ser feita é que, apesar de ficar evidente o caráter ficcional dessas memórias dada a não correspondência do “eu” do enunciado (memórias da Emília) com o “eu” da enunciação (Visconde que também escreve tais memórias), o fato narrado ainda está vinculado à veracidade, com a tentativa de organizar de forma coerente a “realidade”, visando a um efeito de real, conforme acrescentaria Roland Barthes. Devemos esclarecer aqui que consideramos realidade como uma experiência vivenciada por todas as personagens, uma vez que Visconde, a todo momento, procura contar um fato comum a todos ocorrido no sítio do Picapau Amarelo, segundo a ordem dada por Emília “[...] Faça de conta que estou ditando. Conte as coisas que aconteceram no sítio e ainda não estão nos livros” (LOBATO, 1994, p.11). E, consoante tais advertências, Visconde inicia “suas” memórias.

O ANJINHO DE ASA QUEBRADA

As crianças que leram as Reinações de Narizinho com certeza também leram Viagem ao Céu, onde vêm contadas as aventuras dos netos de Dona Benta, da Emília e também as minhas no país dos astros. Não recordarei, portanto, nada disso. Só direi que houve lá por cima tais estrepolias que os astrônomos da Europa vieram queixar-se a Dona Benta das brincadeiras que estavam perturbando a harmonia celeste. Dona Benta, então, nos chamou para baixo com um berro: ‘Desçam já daí, cambada!’

Descemos todos e com grande espanto Dona Benta viu que Emília tinha trazido o anjinho de asa quebrada, que descobrira, muito triste da vida, lá entre as estrelas. Ninguém descreve o rebuliço que houve na casa. A vida parou [...] (LOBATO, 1994, p.12).

É somente no décimo primeiro capítulo que Emília aparece para finalizar esta memória de cunho tradicional e inventar uma outra, um passado ainda não

trilhado, porém verossímil, aparentemente verdadeiro, desconstruindo por completo a memória como não-ficção. Assim como os “grandes homens” escrevem suas aventuras gloriosas, Emília também escreveria grandes feitos, uma epopéia, mesmo sendo tais aventuras uma grande mentira, pois o que importava era que o leitor acreditasse ou fingisse acreditar nelas, configurando-se aqui o que Lejeune (1996) chamou de pacto ou contrato de leitura.

Preocupada com a imagem formada pelo leitor, Emília tem a necessidade de criar suas memórias. Desse modo, continua a história iniciada por Visconde, mas sob o viés inventivo: viaja com a criançada inglesa que retorna à pátria, enquanto Emília, Visconde e o Anjinho ficariam em Hollywood, na casa de Shirley Temple, ensaiando a peça de D. Quixote, com o intuito de virarem estrelas de cinema. Tudo não passaria de uma reinação dela e dos outros envolvidos no condicional “se”.

-Pode ir embora, Visconde. Eu mesma quero acabar estas Memórias. Vou contar o que teria acontecido se Nastácia houvesse cortado a ponta da asa do anjinho.

Disse e empurrou o Visconde para fora do quarto. Tomou da pena e escreveu:

XIII

Minha viagem a Hollywood (LOBATO, 1994, p.50).

No décimo quarto capítulo, o presente é retomado quando Dona Benta, após ler os escritos de Emília, questiona tais “invenções”, “[...] quer nos tapear. Em memórias a gente só conta a verdade, o que houve, o que se passou. Você nunca esteve em Hollywood, nem conhece a Shirley. Como então se põe a inventar isso?” (LOBATO, 1994, p.54)

Emília explica, aristotelicamente, que suas memórias “são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que devia haver” (LOBATO, 1994, p.54). Memórias estas que até Visconde se põe a inventar quando novamente faz a vez de Emília na produção de tais escritos.

Como as memórias são de Emília, esta aparece para fechar seu texto, trazendo algumas impressões do pessoal do sítio e afirmando ser aquele o primeiro volume, uma vez que o segundo escreveria depois de velha. Como toda memória sugere uma suposta verdade, seu texto também viria seguido de nome, lugar e data,

“pontos de luz sem os quais a densidade acumulada pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume” (BOSI, 1992, p.19).

E, assim, Emília encerra suas memórias:

Respeitável público, até logo. Disse que escreveria minhas Memórias e escrevi. Se gostaram delas muito bem. Se não gostaram, pílulas! Tenho dito.

EMÍLIA, Marquesa de Rabicó.

Sítio do Picapau Amarelo,
10 de agosto de 1936.
(LOBATO, 1994, p.60)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir, de acordo com a análise feita, que em *Memórias da Emília* há três momentos enunciativos distintos: o primeiro, marcado pelo narrador em terceira pessoa e pelo tempo presente, discutindo sobre os aspectos das memórias, a partir de uma linguagem metalinguística; o segundo, pelo narrador em primeira pessoa e pelo tempo passado, quando Visconde escreve uma memória tradicional, vinculada a uma experiência já vivida; e o terceiro, também caracterizado pelo narrador em primeira pessoa e pelo tempo passado, mas com o diferencial de estar Emília transgredindo o caráter convencional das memórias, no momento em que resolve inventar as suas.

É a partir desse jogo de narradores que afirmamos a existência de um confronto entre o aspecto tradicional (representado pelo discurso de Visconde) e o modelo transgressor das memórias (discurso de Emília). É, neste aspecto de transgressão que, *Memórias da Emília* configurar-se-ão como “memórias fantásticas” (LOBATO, 1994, p.54), segundo a definição da própria boneca, inscrevendo-se no reinado da ficção.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. O tempo e os tempos. In: NOVAES, A. **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FISCHER, L. A. Linhagem das memórias. In: _____. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Abril, 2003. p.35-40.

GONDAR, J. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: _____. et al. **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p.35-43.

LEJEUNE, P. **El pacto autobiográfico y otros estudios**. Madrid: Megazul – Endymion, 1996.

LOBATO, M. **Memórias da Emília**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PENA, F. Memórias e tempos. In: _____. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004. p.19-29.

PINTO, J. P. A poética da memória. In: _____. **Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges**. São Paulo: Estação Liberdade/ FAPESP, 1998. p.287-321.

REMÉDIOS, M. L. R. (org.). Literatura confessional: espaço autobiográfico. In: _____. **Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. p.7-15.